



A MÚSICA MISSIONEIRA DE CENAIR MAICÁ

Miguelângelo Corteze

Doutorando de História da Universidade Federal da Fronteira Sul PPGH/UFS,
bolsista CAPES. IFRS/Erechim.

Antonio Marcos Myskiw

Orientador e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Docente efetivo e coordenador do PPGH/UFS, Campus Chapecó e bolsista do CNPq.

João Carlos Tedesco

Co-Orientador e Doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Doutor em Ciências Sociais (Università di Verona – Itália). Colaborador do PPGH/UPF e da PPGH/UFS

1. Introdução

Este estudo integra uma pesquisa de doutorado em História, em andamento, no qual a música de Cenair Maicá está no centro, como parte de um movimento maior que chamaremos de “Movimento Cultural Missioneiro”, surgido na década de 1960 na região das Missões do Rio Grande do Sul. Barbosa (2014) afirma que a criação da música missioneira foi uma atitude dos “Quatro Troncos Missioneiros”, pois estavam insatisfeitos com o que havia de música naquele Estado. Ela se diferenciava do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) pelo seu tom de protesto e se aproximava dos movimentos rurais camponeses, que também se organizavam nesse período. Cenair Maicá e sua produção musical foram escolhidos, neste estudo, na busca por evidenciar sua contribuição na gestação e fortalecimentos dos movimentos rurais camponeses até a década de 1980, ou seja, como o “Movimento Cultural Missioneiro” participou como caminho para o fazer-se dos movimentos rurais camponeses.

Cenair Maicá foi um dos “Quatro Troncos”, junto com Jayme Caetano Braun, Noel Guarany e Pedro Ortaça. Cenair viveu na região de fronteira entre Argentina e o Brasil (Portalete, 2021), o que nos leva a compreender o caráter latino-americano de suas músicas. Essa condição favorecia ao reconhecimento de uma história comum dessa região, pela circulação dos habitantes que frequentemente cruzavam, construindo um pertencimento que transitava tanto de um lado, como do outro do rio Uruguai. Tal movimentação possibilitava enxergar uma realidade social paralela sobre o processo de exclusão social dos camponeses e dos povos originários.



Suas músicas passaram a ser reconhecidas porque denunciavam as mazelas da população camponesa, como na música “Terra Vermelha” (1980) onde o pão era dividido e a terra era o elemento. Esta música transmitia sentido, assim como a mística do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com a gaita do Adão Preto, como diz Marcon (2021) que, sem essa base, o Acampamento Natalino não teria sobrevivido. Zarth (2002) afirma que o acesso à propriedade da terra é um elemento central para o estudo da história agrária brasileira, problema apontado pelos movimentos rurais camponeses entre as décadas de 1960 e 1980 que passaram a questionar cada vez mais aquela realidade de exclusão (Tedesco, 2007).

2. Metodologia

A metodologia está baseada numa abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, com ênfase na análise das letras de músicas e entrevistas. O aporte teórico tem por base a História Agrária e utiliza um material documental cedido pelo professor Tau Golin, como o jornal Presença de Santo Ângelo (1970) e áudios do programa de rádio “Continente Latinoamericano” em Santa Maria (1980).

3. Resultados e discussão

Antes de apontar algumas interpretações preferimos passar em revista uma amostra inicial, a fim de localizar teoricamente um dos conceitos fundamentais que é a música missioneira. Brum (2005), em sua tese, contribui para classificar e diferenciar os dois significados distintos da música missioneira: uma executada nos Sete Povos, ensinado pelos Jesuítas e reinventada pelos guaranis, e outra, a atual, referindo-se ao regionalismo que utiliza a primeira como referência nomeando o passado missioneiro no presente, no sentido de apologizá-lo para revivê-lo.

Nossa tese vai de encontro com a classificação de Brum quando trata das diferentes temporalidades, sendo nosso objeto de estudo a música missioneira da atualidade pelo recorte das décadas de 1960 e 1980. No entanto, não segue a mesma linha sobre o sentido atribuído, uma vez que novas interpretações e estudos demonstram uma complexidade maior de significados, especialmente no que se refere à questão agrária.



Diferente das músicas preferidas pelo MTG, que traziam como fundamento histórico a Revolução Farroupilha (1835-1845), a música missioneira busca a referência em outro tempo, ou seja, nas Missões Jesuíticas dos Sete Povos, mas não para revivê-lo ou apologizá-lo, ao contrário, queremos entender como uma forma de representação social, artística e cultural profundamente relacionada com as questões que afetavam as populações marginalizadas no processo de exclusão do mundo rural, como os guaranis, agricultores pobres, caboclos e também colonos descendentes de imigrantes europeus.

A experiência dos Sete Povos das Missões, em seu apogeu, fazia parte de um conjunto maior conhecido como Trinta Povos. Eles ocupavam um território que hoje pertence a quatro nações sul-americanas, sendo quinze na Argentina, oito no Paraguai, sete no Brasil, mais as estâncias em solo uruguaio. Esse lugar no Brasil é conhecido hoje como região das Missões e fica localizada no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente possui 26 municípios, como Santo Ângelo, São Miguel das Missões, Bossoroca, São Luiz Gonzaga, dentre outros.

O Movimento Cultural Missioneiro surgiu num período político conturbado na história do Brasil, que foi o tempo da ditadura militar (1964-1984). O novo estilo, que protestava sobre esse cenário histórico, cultural e social rural, foi chamado por Pedro Ortaça de identidade musical missioneira pelas temáticas cantadas, marcadas pela denúncia, pelo registro e valorização do povo guarani (Barbosa, 2014).

Cyro Martins (1993) descreve, através da literatura, o drama que foi esse processo de expulsão de milhares de pessoal da área rural. Guedes, narra Cyro, já vivendo na cidade, sai a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, para vender seu cavalo e os seus arreios de campeiro. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso do gaúcho a pé. Três anos de pobreza na cidade bastaram para o degredar. Não arrumava mais terra para trabalhar e na cidade haviam outros tantos que nada faziam além de chocar a própria miséria.

Em função dessa realidade, entre as décadas de 1960 e 1980, muitos camponeses empobrecidos enxergaram uma saída nos movimentos rurais camponeses que lutavam por reforma agrária, como o MST. Outros, no entanto, procurando sair dessa condição, e convencidos pela intensa propaganda, protagonizaram um fenômeno social migrando para outras fronteiras agrícolas, como o Estado do Mato Grosso. A “Lenda do ouro verde:



política de colonização no Brasil Contemporâneo” retrata bem essa situação na busca da “Terra Prometida”, hoje município de Alta Floresta (MT) (Guimarães Neto, 2021).

As contradições no mundo rural provocaram uma movimentação intensa nesse período. E, como parte desse mundo em transformação, estão dois movimentos que parecem estar na mesma direção, independentes, mas profundamente relacionados. Os movimentos rurais camponeses, como uma face dos conflitos e da história agrária, e a música missioneira dentro desse complexo mosaico cultural e étnico.

A questão central se orienta inicialmente por três fatores: primeiro que esses movimentos estão identificados pelo protesto e pela denúncia no desigual acesso à propriedade privada da terra, depois da destruição das Missões, tanto pelos guaranis como por camponeses sem terra; segundo pelo reconhecimento da latino-americanidade dessa luta contra as injustiças; e terceiro pela condição de cantar com os trabalhadores rurais sobre as injustiças e não para eles, como se os trabalhadores não tivessem voz. Isto é, são movimentos que se misturam na realidade social da exploração vivida.

Foi dentro desse espaço polêmico e contraditório de muita terra sem gente e muita gente sem terra que procuramos identificar o movimento cultural missioneiro e a música de Cenair Maicá como um contramovimento. Categorizar nesse nível é reconhecer, além dos diferentes significados históricos, o impacto social aos atores principais que se reconheciam neles. Analisando, nessa perspectiva, as letras das poesias e músicas missionárias, chegamos a concordar que elas podem ser compreendidas numa outra dimensão, assim como a arte não é apenas um meio de representação da sociedade, mas também de transformação (Golin, 1987). Por isso, a pesquisa aponta resultados preliminares e iniciais de que esse contramovimento problematizava o processo em que muitos sujeitos históricos foram descartados pela engrenagem que estruturou a questão fundiária nessa região.

4. Considerações finais

A letra da música de Cenair Maicá “Da terra nasceram gritos” pontua como muitos trabalhadores rurais ficaram marginalizados do acesso à terra como tropeiros, ervateiros e chibeiros. Ela possibilita enxergar a representação de como os movimentos rurais camponeses se sentiram mais fortalecidos na luta pela reforma agrária, também a partir



da música. Ela é missioneira na essência e pode ser uma tradução do problema que a pesquisa investiga quando declara a resistência, o protesto e identidade com essa realidade no sofrimento passado pelos trabalhadores rurais, expulsos de suas terras. Os "gritos" que se transformam em "cantos" problematizam aquele sofrimento, contribuindo para manter viva a memória desses movimentos. A distância social entre pobres e ricos é questionada pela estrutura fundiária que concentra terras: “tanta terra e pouco dono”. Ao final destaca “as espigas do seu canto” e fala a linguagem camponesa, pois na espiga estão as sementes de esperança de que a luta pela terra e pela justiça continua viva. Benoni Ângelo Bottega em entrevista à Portalete (2021, p. 125) afirma: “o sonho de Cenair Maicá era ver os índios bem, no lugar dele. Para falar a verdade, o sonho de Cenair Maicá era esse movimento sem-terra. [...] qualquer brasileiro tem o direito de ter um pedaço de terra, pedaço de chão”.

Referências

BARBOSA, Iuri Daniel. **Os troncos missioneiros e a construção da identidade missioneira através da música**. Artigo Revista Para Onde!? Volume 6, Número 2, p. 171-177. Versão Online <https://seer.ufrgs.br/paraonde>. 2013.

BRUM, Ceres Karam. **Esta terra tem dono: uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Tese em Antropologia Social PPGAS/UFRGS, 2005.

MARCON, Telmo. **Acampamento Natalino: luta pela reforma agrária e contribuições políticas e educativas** (p.435-457). In: TEDESCO, João C.; ROCHA, Humberto J. da; MYSKIW, Antonio M. (Orgs). *História dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra no Sul do Brasil (1940-1980)*. Passo Fundo: Acervus Editora, 2021.

MARTINS, Cyro. **Porteira Fechada**. Editora Movimento, Porto Alegre, 1993.

GOLIN, Tau. *Por debaixo do Poncho*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A Lenda do Ouro Verde: Política de colonização no Brasil Contemporâneo**. Recife. Ed. UFPE, 2021.

PORTALETE, Valter. **Terra e cidadania na obra de Cenair Maicá**. -2 ed. – Santo Ângelo: Metrics, 2021.

TEDESCO, João Carlos e CARINI, Joel João. **Conflitos Agrários no Norte Gaúcho 1960-1980**. EST, Porto Alegre, 2007.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Unijuí, 2002.